**como as experiências e relatos que Kaká Werá relata o influenciou em sua história e o seu modo de enxergar sua cultura indígena e a "cultura" em geral**

Resumo

**Introdução**

Na Introdução descreve-se a cultura como uma expressão multirreferencial e multidimensional da realidade. A multirreferencialidade sendo a diversidade constituída pela visão de mundo e expressões artística-político- social-espiritual de cada cultura. A multidimensionalidade refere-se a percepção de diferentes níveis de realidade através dos quais ela se manifesta. Neste sentido, cada cultura se revela através de um nível pratico-gestual, suas ações e ritos; de um nível lógico-epistêmico, suas formas de pensar e de conhecer; de um nível mítico-simbólico, suas maneiras de sentir, de expressar e de articular a intuição sensível e racional, e de um nível de mistério, aquele constituído pelo insondável, inominável, indizivel e que, por vezes, se espelha por abstrações e mataforas

Portanto, podemos dizer que as culturas não são disciplinas, seu universo é de uma natureza transdisciplinar. Somos cidadãos de uma cultura, até mesmo, de mais do que de uma única cultura e, talvez, de um espaço onde diferentes culturas podem dialogar

Cultura é identidade, raízes, dinâmica própria. Contudo, nenhuma cultura pode pretender monopolizar a realidade. Mantendo sua individualidade, cada cultura deve encontrar uma forma de se conectar com outras culturas no lugar onde o dialogo transcultural é fértil, integrador e libertador.

Prologo

Kaka Werá Jacupé é um Txukarramãe que percorre o caminho do Sol, de acordo com a pintura do urucurn escrita nesse corpo que guarda a história milenar do nosso povo, desde os Tubaguaçus primeiros, desde os Coroados primeiros, os primeiros Tupinambás -- os adornados da plumagem do arco-íris em cintilantes cocares, os que desde sempre desenham e talham as douradas flechas dos raios de Tupã -- pelos tempos, luas e luas.

Kaká foi nomeado pelos guaranis da aldeia Krukutu e da aldeia Morro da Saudade, em São Paulo, consagrado por um velho pajé ao redor de uma fogueira, ao redor de cantos sagrados no Opy, a casa de rezas.

Os Espiritos Instrutores (os Tamãi) empurraram Kaká na boca do jaguar, aquela yauaretê chamada metrópole, ele crê que como prova, para que aprendesse e comesse daquela língua e cultura de pedra e aço. Foi assim que ele comeu o pão que a civilização amassou. Ele sobreviveu. Por isso, ele devorou o cérebro daquela cidade.

Kaká sonhou que os Tamâi deram a ele a missão de contar um pouco da historia dele, da sua vida entre os dois mundos, e revelar mistérios da tradição milenar ensinada pelos Antigos

Ele era a voz da terra pisada, assim como da terra tocada. Pois aceitou por inteiro a missão de ser um porta-voz à surda metrópole com seus ornamentos de néon e beleza cosmética de sua face, cujos antepassados vestiram o povo dele com costumes, hábitos, espelhos. E que, embora os hábitos procurassem ter feito monges , criaram violências.

Pag2

**Um pouco da história de Kaká Werá**

O Ni-mongarai é o ritual de batismo, é o momento em que se recebe o nome da alma, indicando a linha espiritual de onde ela provém. Kaká acabara de dançar o Jeroky, a bela dança, quando Tiramãe Tuja, o antigo, sentou-se. Ele acendeu seu Petenguá, seu cachimbo de cura, e quebrou o silêncio. Kaká esperava o seu sagrado nome com o qual seria reconhecido na tribo. Sua alma-palavra era Werá Jecupé e apontou a direção de onde viera o nome. O sol enche seu novo corpo.

As palavras ditas pelo velho pajé, os cantos e as danças do Opy ecoavam em Kaká Werá. Multiplicou-o em lembranças. Anhans, jaguares e anguerys do passado, rondavam dentro dele, era necessário cuspi-los fora para liberar seu coração. Anhans são espíritos bons, jaguares são espíritos desafiadores e anguerys são espíritos maus. Imagens desses espíritos o perturbavam, eram tantos que não podia ser somente de uma vida inteira, muitas vidas dores estavam registradas nele, eram elas que o fogo limpara. Kaká Werá conta que quando estava ainda na barriga da sua mãe, sua aldeia fora atacada. Kaká Werá descreve as armas utilizadas pelos homens como pequenos trovões de aço. Quando a última oca derramou sua última lagrima de fogo e se desfez em cinzas, restava apenas pouco mais de oito parentes entre eles a anciã Meirê-Mekrangnotire e a filha Yakamara, que viria a ser a mãe que o semearia no mundo.

## Kaká Werá e o contato com a civilização

Ao chegarem e habitarem entre os guaranis, a cidade acabou pedindo nome do pai e dos guaranis em troca de sobrevivência. Disseram a eles que sem nome e número civilizado não se existia. Para eles não havia muito sentido o que lhes foi dito, o que eram então? Eles só não existiam. Passaram a existir só quando foi necessário trocar com os civilizados meios para sobreviver. Um dia uma senhora convidou o pai de Kaká Werá a colocar Kaká Werá na escola, que se instalara morro abaixo. O pai de Kaká Werá não quis e disse que era uma forma de se defenderem. Kaká perguntou o que era a escola. Ele o respondeu que era um local onde se riscava com traços o que se falava e que qualquer podia dizer exatamente o que se foi falado olhando aqueles traços, mesmo que se passassem sois e luas, Kaká ao ouvir ficou fortemente encantado. Após os pedidos da senhora Kaká foi a escola, no começo não se importavam se ele fosse descalço e sem camisa, mas com o tempo lhe foi exigido uniforme: calção azul-marinho, meias brancas, sapatos pretos, camisa branca e uma gravatinha com um risco branco que indicava ser o primeiro ano. Para Kaká era impossível andar com o uniforme, pois apertava o corpo dele. Participava do ritual, cantava o hino da bandeira verde e amarela. Quando a mãe dele tinha se dado conta, haviam “roubado a alma” dele. Ficara presa em um pedalo de papel, dividida, preta e branca e sem sol em um documento chamado caderneta escolar. Kaká explicou que precisou ir em frente a uma maquina que estourava luz no rosto

– Anguery, mi tã je jucá anguery – comentou o cacique Capitão Branco. – Espíritos ladrões, roubaram a alma do menino, para matá-la – era o que dizia.

A mãe de Kaká tremeu de susto. Brigou com o pai. Kaká lhes disse que, além disso, a professora Maria o levou para tirar escritos que marcassem o dia em que ele nascera.

– Foi na lua nova – ele disse, e ela colocou; ela falou que iriam precisar fazer uma grande viagem. O pai de Kaká descobriu que ao invés do apelido Kaka-txai-jé Txukarramãe ela colocara o nome do filho que morrera. A mãe o tirou da escola e bateu no pai com borduna de caçar cateto e fez ele ir até lá e pedir o espírito de Kaká de volta. A professora chorou muito, mas aqueles documentos ficaram marcados com a alma do seu filho recém-nascido e morto.

Pag3

E, quando Kaká Werá já estava gostando da escola, não podia mais ir. Ele só iria voltar alguns anos depois, recomeçando os riscos. Traço por traço, naquela gravatinha azul de antigamente. Mas a mãe não resistiu aos novos costumes, ou às velhas saudades, não sabe, talvez não tenha resistido à paisagem da vida desmoronando diante dos olhos. Talvez ela mesma não tivesse a necessidade de resistira qualquer coisa. O fato é que ela escolhera morrer cautelosamente, procurando não deixar qualquer marca na lembrança. Foi um dia perdido na infância, em que suas ervas não conseguiam curar as lagrimas de Kaká. Mesmo assim, elas tiveram o cuidado de manter a oca perfumada. Enquanto o sol fazia o destino seguir adiante.

**A busca de Terra sem males**

Para Kaká o tempo passava da seguinte maneira: novos povos aldeavam-se próxima à escola. Por ali vilarejava-se de nordeste. Ele foi desvendando enquanto ia pra escola. Conhecendo aquela gente. Cada ano que passava aumentava um risquinho na gravatinha azul de Kaká. Era assim que a civilização contava o tempo. E esse lugar que ao nascer lhe era uma mancha verde distante da cidade, em alguns riscos da gravata (sete ou oito) fez aldeia dele virar uma mecha verde quase careca de um bairro que inchava. Um dia chegou um senhor com uns papeis na mão dizendo que o lugar onde moravam era dele, doado por d. Pedro II.

– Filho, procure esse tal d. Pedro que eu quero falar com ele – disse o pai. Kaká está procurando até hoje.

– Como? Não havia nada aqui quando chegamos, além dos nossos parentes guaranis do outro lado da represa – pensava o pai.

Pag4

Foram expulsos. Anos depois Kaká descobriu que aquela região onde moravam fora doada no século XVIII pelo então imperador do Brasil para imigrantes alemães. Sendo que uma pequena parte tinha prosperado e virado cidade de Santo Amaro, e aqueles lugares mais afastados tinham sido legados aos descendentes possíveis desses imigrantes. Nessa parte do país a civilização é mais moderna. Lá no Norte ainda se expulsa a bala. Aqui com documentos do imperador. Então foram ao litoral. Aldeia de Peruíbe. Das noites cintilantes. Pelas aldeias do litoral, Kaká ouvia histórias de séculos, ouvia tristes cantigas guarani, rememorando descaminhos. Um labirinto de saudades que os caciques contavam. Da terra sem males. Presa em migalhas nas bocas guaranis, guardada na memória dos anciões. Largados ao sol. Pitando o passado no silencio. Ele aprendeu o trajeto da busca. Cada trilha. Cada pausa. Cada sim e cada não. Cada razão e cada desmoronamento. Kaká morou entre seres cansados de busca. Foi triste. Um guerreiro não é derrotado quando morre em luta. Ele é derrotado quando desiste. Kaká aprendeu isso quando viu a desistência estampada nos olhos dos guaranis daquela região. Viviam desistidos de si. Sem música interior. Obstruídos pelas ruínas da terra sem males na memória. Eles voltaram à proximidade dos guaranis de São Paulo, dessa vez na aldeia Morro da Saudade, do cacique e pajé Gwirá-Pepó e de seu centenário pai Tiramãe Tujá, o mais antigo dos antigos ali. Kaká descobriu que na cidade havia guerreiros que lutavam pela preservação da Mata Atlântica e pela despoluição das represas Guarapiranga e Billings, as duas que os afetavam diretamente. Kaká foi colhendo informações do processo de envenenamento das águas. E quanto mais ele aprendia, menos ele entendia como a civilização se permitia viver daquela maneira. Fazendo os rios correrem ao contrário de si. Com isso, ao invés de fluírem vida, passando a fluir morte. Assim é o rio Pinheiros que circula a cidade. Que forma a represa, que recebe o lixo industrial, em toneladas, e que chega na aldeia em forma de água morta. Esses verdes guerreiros da metrópole dedicavam-se a ensinar o perigo que isso representava inclusive à própria população que se inchava em vilas em torno dessas águas. Foi assim que ele adoeceu. Ele viu apodrecer a água que os banhava. Ele viu sumirem as aves que adornavam a arte guarani. Ele viu rasgarem a terra com dentes de aço para romper estradas e delimitar propriedades dentro de sítios sagrados guarani. Ele viu a roça ficando escassa para o cultivo do alimento. E, quando os guaranis precisaram descer a aldeia Morro da Saudade para trocar seu artesanato pelo que comer, viu pagarem esmolas e ouviu a expressão:

– Sujos, nem banho tomam.

Pag5

**A cor do inimigo**

Kaká pegou carona para o sul com um amigo que iria trabalhar numa ilha, de nome Florianópolis, vendendo batata fritas na praia. Ao contrário do rumo que imaginava, ele foi para a morada dos Ventos: Vento Sul, Vento Minuano, Vento Nordeste. Ventos e dunas douradas. Ilha cercada de azuis de onde passou a estudar o continente. Kaká conheceu uma outra qualidade de pescadores, descendentes de açorianos, da bela fala cantada e límpidos silêncios em volta. Chamavam-se “barrigas-verdes”. Uma vez Kaká fez amizade com um forte e alto pescador, um “barriga-verde”, enquanto tecia uma rede de pesca para puxar cardumes, que ele chamava de arrastão. Kaká já o conhecia de vista, mas foi atraído para ouvir sua historia, famosa naquele vilarejo. Era o homem que havia naufragado cinco vezes no grande mar. Ficando luas à deriva em cada uma delas e mantendo-se vivo apenas por restos de barco.

– No ultimo naufrágio nem me importei, relaxei o corpo e deixei as aguas julgarem.

Era assim que dizia. Ali estava ele.

– Nas primeiras vezes quase morri por desespero e afobamento. Depois de anos pensando a respeito, descobri que metade da morte era coisa da minha cabeça e o desespero completava a outra metade. Na derradeira vez, entreguei-me ao céu do destino. Me deixei à morte. Fui parar tranquilamente na praia. Senti que estava aprendendo algo muito importante.

– O mar é um colchão d’agua macio para quem lhe respeita. Peço a benção à Mãe das Aguas e vou. Sou pescador, não saberia fazer outra coisa. No mais, descobri que a morte não é tão feia quando se pinta. É a passagem. Quando eu for merecedor, passo.

– Para o meu povo a morte também é a passagem. A morte natural. A morte forçada é ignorância – disse-lhe.

O pescador convidou Kaká para participar do arrastão. Os pescadores contavam histórias de bruxas. Diziam que aquela ilha era infestada de bruxas. Assim eles chamam as feiticeiras, as curandeiras, as que têm o dom da magia e da cura do mal pelas poções e plantas. Disseram a Kaká também que na época dali fora o lugar dos desterrados, era onde atiravam os expatriados. E onde Kaká morava, na praia do Santinho dos Pescadores, além de ser ponto de ritual a Nossa Senhora dos Mares, havia inscrições nas rochas de mais de cinco mil anos e marcas de pés gigantes. Ele viu as pedras. Ele viu as inscrições. Ele viu procissões dedicadas a Nossa Senhora dos Mares. E até, de certa forma, Kaká se sentiu expatriado; estrangeiro em seu próprio país. Mas curava as feridas da alma nesse sagrado sitio da Grande Mãe, que o olhava pelo verde lúcido das aguas, que embalava seus passo pelo chão dourado das areias. Com o tempo Kaká se mudou para um vilarejo chamado Canto da Lagoa, mais perto da mata. Kaká caminhava quilômetros de manhã até o local onde passou a trabalhar, uma casa de atividades de arte, que na época do imperador, diziam, tinha sido os ‘correios e telégrafos’. Kaká ensinava algumas danças indígenas e a historia de sua cultura. Os artistas respeitavam e se interessavam em saber, as crianças também. Foi em um desses dias que no meio do caminho encostou um fusca branco ao lado da paisagem com um par de olhos azuis dentro, uma voz sulista, cantarolada, de uma bela moça e que foi oferecendo carona a Kaká. A bruxa.

– Porque não tem ônibus e o centro é longe. Entre.

Naquela ilha e naquele trecho era comum oferecerem caronas. Principalmente as pessoas que moravam lá há muito tempo. Gike, jornalista, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, ia para a faculdade. Mas, além desses estudos universitários, conhecia pedras, cristais, ervas. E tribos do século XV. Kaká soube disso no trajeto, que encurtou a distância mas aumentou suas informações.

– E sobre bruxas? – perguntou Kaká

– Ah, são contos, muitos escolhidos por Franklin Cascaes, um antigo escritor da ilha. São histórias de pescadores.

Fizeram amizade. Kaká queria saber dos livros que ela citara e ela queria saber sobre danças indígenas. Morava do outro lado da Lagoa da Conceição. Quando Kaká foi visitá-la, teve uma grata surpresa. Gike ensinou a Kaká sobre o seu modo de ver o mundo: tecnologia, enciclopédia das essências de flores, o segredo dos cristais, as obras de arte dos poetas da metrópole. Muita coisa Kaká não entendeu, nem havia razão para ele. O que entendeu foi a sensibilidade que lhe fizera parar para mostrar sua oca. E gostava da sua alegria permanente, embora sempre correndo atras do tempo como quem estivesse perdendo-o, mesmo carregando-o preso no pulso, na forma de cristalina algema.

– Nessa ilha, gaúchos, argentinos, paranaenses, europeus vem para se limpar, para se reencontrar na preciosa vida. Para resgatar suas almas – comentava.

– É, são risonhos, felizes, alegres, solidários, só que se esquecem tão logo chegam à civilização. Que avança, destruindo a única coisa que lhes resgata.

Ela pousou seus olhos azuis nos de Kaká Werá de revolta e sorriu levemente.

– Sim. Mas tem uma cor de ódio no que você fala. E essa cor não é tua.

– Aprendi na escola da chamada civilização.

– Então você também está destruindo a única coisa que lhes resgata. O mesmo que todos vem buscar aqui.

Embora Gike seja filha de pais europeus, se iniciara espiritualmente através da sabedoria dos povos africanos. No inverno convidou Kaká Werá para a festa que ela e mais algumas amigas faziam numa determinada lua cheia. Gike disse a Kaká Werá que era fortalecimento da alma. Faziam esse ritual há anos. Na ocasião tomava-se somente sucos e se comia frutas. Era o lual. Na beira da praia a enorme fogueira clareou a noite inteira o tempo da festa. Conversaram sobre as estrelas. Quando a fogueira chegou ao seu fogo máximo Gike pediu que fizessem um circulo e começou sua prece anual, tão forte e sincera que marcara na memória. Algumas mulheres em torno do fogo fizeram Kaká estar ao mesmo tempo na aldeia enquanto diziam:

– Grande fogo que nos ilumina e vivifica, andamos errantes até apagar a nossa luz própria. Agora diante de ti, lembramos do fogo que nos cerca com sua sagrada luz. Que diante de ti nossa alam, nosso fogo pessoal seja fortalecido, preenchendo nossa mente de sabedoria. Eliminando o escuro da ignorância, para sempre.

Ao fim, Gike sugeriu que Kaká ensinasse uma dança da sua tribo a todos. Foi a primeira vez que se deu conta que a dança deles poderia ser sagradamente feita com qualquer pessoa. Pois no lugar onde ele ensinara outras vezes estavam interessados somente na técnica da dança. E ali sentiu o interesse pelo vôo que ela fazia. Dançaram. A dança txucarramãe da Terra. Até a noite ir vestida da alegria deles. Antes de ir embora, foi se despedir de Gike e tirar umas interrogações que o rondavam:

– Você é bruxa? – perguntava

– Aquele ritual muita gente faz aqui, por tradição. Há tradições que eu gosto, embora faça do meu jeito. Gostei muito de sua tradição. É sincera e comunga com alma da Terra. A mim também agrada a tradição iorubá. Pois não sou de lansã?

– Então, não é a bruxa da ilha? Mas de qualquer modo obrigado pela magia que você fez em mim. Aprendi como lidar com a ignorância de minha parte. Deve ser por isso que tenho que voltar. Sonhei ontem e estou indo.

– Calma. Vamos tomar um chimarrão. Tradição do sul

Pag6

Um dia apareceu uma equipe de produção da TV Manchete, convidou-os a participar de gravações de uma telenovela; era ‘O Guarani’, baseada no romance do escritor José de Alencar. O conselho da comunidade gostou da ideia. Iriam representar os guaranis do século XVII e os Aimorés, nação que não existe mais. Foi assim que trinta guaranis desembarcaram no Rio de Janeiro, no mês de junho de 1991, dia do descobrimento da aldeia ‘karioka’. Após as gravações foram ao local onde estavam editando. Os guaranis mais velhos ficaram preocupados, Tujá pegou o Petenguá e silenciosamente pediu proteção às almas deles. O diretor da mini-série notou a preocupação. Apresentou-se: Marcos Schettman. Queria saber se estavam bem. Kaká contou a preocupação do Conselho; então ele explicou:

– O meu povo, embora diferente do seu, conhece na pele e no coração histórias de guerras e tormentos, assim como muitos dos seus antepassados foram mortos pela ignorância humana, e tenho conhecimento de que hoje há muitos conflitos. Os meus antepassados, não muito distantes, fizeram parte de uma das mais horríveis páginas da historis da civilização, uma coisa que destruiu num gesto o que precisou de anos para destruir seu povo. Vocês falam em resistência e resgate e eu me identifico. Vocês falam que muitas vexes em seu próprio lugar de origem são tratados como estrangeiros e eu me identifico. Falam em paz e eu me identifico. Por isso desejei dirigir esta mini-serie. É a minha forma de mostrar para o publico da cidade, que este pais tem uma cultura que vem lutando desde sempre para se fazer respeitada, tanto quanto essa cultura primeira respeita a Terra. Vocês, no ano que vem, ano da ECO-92, serão moda. Gostaria de mostrar que mais do que moda, passageira, a sabedoria de seu povo fosse pratica. Nos estamos precisando

Pag7

Reflexão

Ao longo da vida de Kaká Werá ele aprende mais da civilização e conhece pessoas com cultura e histórias diferentes. Quando Kaká Werá foi as aldeias do litoral, aprendeu que um guerreiro não é derrotado quando morre em luta, ele é derrotado quando desiste. Kaká Werá aprendeu isso ao observar a desistência estampada nos olhos dos guaranis daquela região. Quando voltou as proximidades dos guaranis de São Paulo, aprendeu sobre o processo do envenenamento das águas. Quanto mais aprendia, menos entendia como a civilização vivia daquela maneira. Ele viu a água em que se banhavam apodrecer e quando precisaram descer a aldeia Morro da Saudade, ouviu:

– Sujos, nem banho tomam.

O estado da água em que se banhava era culpa da civilização

Quando Kaká foi a morada dos Ventos, compartilhou experiencias e histórias com um pescador. O pescador contara suas experiencias onde beirava a morte e refletiam sobre isso. Chegaram a um ponto em comum para eles a morte é a passagem.

Em outra viagem se encontrara com Gike. Compartilharam também suas historias e experiencias. Discutiram sobre a ignorância humana, os conflitos e guerras que seus povos passaram. Também compartilharam tradições e costumes, Kaká aprendeu a lida com a ignorância da sua parte. O seu povo deixou de resistir a civilização e começaram a se envolver mais, o conselho começou alfabetizando a aldeia e aprender a desenvolver técnicas alternativas de criação de peixes e recuperação de Terra. Kaká entendeu sua missão, ele era a ponte. O conselho Tribal se fortaleceu através da participação da juventude. Dentro da luta das nações indígenas, não só a comunidade guarani de São Paulo com suas as oito aldeias passou a procurar novos meios de lidar com a chamada civilização, mas de norte a sul do pais as nações ditas ‘contactas’ passaram a defender suas culturas (principalmente com o objetivo de proteger o frágil coração da Mãe Terra), uma revoada guerreira, representando os povos da floresta, acabou por fundar a União das Nações Indigenas (UNI). Tais guerreiros passaram a levar as mensagens da Grande Mãe, captada pelos pajés, aos povos civilizados.